JECA TATU DE MONTEIRO LOBATO & MANÉ XIQUEXIQUE DE ILDEFONSO ALBANO

F. Alves de Andrade

(Ensaio à guisa de apresentação da 3.ª edição do livro Jeca Tatu e Mané Xiquexique de Ildefonso Albano)

JECA TATU E MANÉ XIQUEXIQUE, curioso ensaio de ILDEFONSO ALBANO sôbre personagens da Geografia Humana no Brasil, ressurge agora em terceira edição da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

Êste livro, esgotado nos primeiros instantes do seu aparecimento, retorna precisamente cinqüenta anos depois, numa fase em que a cultura brasileira prossegue e intensifica a cata de preciosidades que constituem a estrutura do pensamento no Continente Americano.

Seu autor, estadista experiente, viveu o drama de sua terra à luz de uma filosofia. A consciência de graves preocupações, o sentimento da verdade que domina a sua obra deram a conhecer, numa visão dinâmica, o humanismo telúrico do Nordeste em um documento, ontem, como hoje, de importância universal.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS — PERSONALIDADE DO AUTOR

ILDEFONSO ALBANO nasceu em Fortaleza, Ceará, a 12 de fevereiro de 1885 e faleceu no Rio de Janeiro a 22 de dezembro de 1957. Era filho de José Albano Filho e de D. Maria de Abreu Albano, descendente de antigos agricultores na Serra da Aratanha, cujas terras pertenceram em sua maior

extensão à família. (1) Seu avô, o Barão de Aratanha, José

(1) Manoel Albano Amora — «Prosadores Cearenses» — REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, Ano LXVI, n. 31, Imprensa Universitária, pp. 147 a 149, 1962. Além dêste estudo, vide os seguintes dados e notícias biográficas: IN UNITARIO Fortaleza-Ceará, edição de 12-2-1958, 4-12-1960 e O NORDESTE — Fortaleza-Ceará, 26.12.1957, de anônimos e autôres diversos.

NOTA: A Serra da Aratanha, no Ceará, pertencente ao cordão Central, com 23 km de comprimento, 6 de largura e 800 m de alt. maxima tem ao norte a cidade de Pacatuba, e sueste a de Guaiúba e a norceste a vila de Jubaia. Da parte média para cima, no trecho mais frêsco, surgem sitios de fruteiras, dominando a banana. Encontram-se restos da antiga cultura de café. (Vide Renato Braga — DICIONARIO GEOGRAFICO E HISTORICO DO CEARÁ. Imprensa Universitária do Ceará — 1964).

A Serra da Aratanha foi antigamente ocupada e cultivada por ascendentes de Ildefonso Albano, velhos troncos familiares que, por seu domínio e liderança, podemos dizer, formam no Ceará o antigo CLÃ DA ARATANHA, de características singulares.

O Barão de Aratanha, José Francisco da Silva Albano, avô, de Ildefonso Albano, descende de Manoel da Costa dos Anjos, baiano, e de Maria de Jesus, do Aquirás Um filho dêste casal, Manoel da Costa dos Anjos, e Ana Maria do Nascimento, foram pais do sargento-mor Albano da Costa dos Anjos, agricultor na Serra da Aratanha, Pacatuba e Arronches (Parangaba). Nicácio da Costa dos Anjos, Irmão dêste, era agricultor em Jubaia. Filhos de Albano, agricultores em Pacatuba. João da Costa e Silva cultivava a Serra da Aratanha em seu sitio Boassu; José Antônio da Costa e Silva, no sítio Boa Vista; Domingos da Costa e Silva (Domingão), no sítio Rio Formoso (Guaiuba); Vidal da Penha e Silva, agricultor no Alto do Bode; Maria, filha de Albano, casou-se com o português Manoel Francisco da Silva, agricultor e proprietário do sítio Porangabuçu, em Fortaleza.

Manoel Francisco da Silva e Maria Angélica da Costa e Silva, genro e filha de Albano, são os pais de José Francisco da Silva Albano, (Barão de Aratanha). proprietário do sítio Espírito Santo, em Pacatuba. O Barão era casado com D. Liberalina, filha de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva (Marica Teófilo), proprietários do tradicional sítio Boa Vista, a casa grande hospitaleira da Serra onde se hospedou em 1859 a Comissão Científica de Exploração, da qual fazia parte o poeta Gonçalves Dias. José Antônio da Costa e Silva e sua mulher eram os pais de Juvenal Galeno, um apaixonado da vida rural, fundador da poesia popular no Brasil, autor de Lendas e Canções Populares, a quem Ildefonso dedica o seu livro, objeto dêste estudo, acrescentando-lhe os nomes de Rodolfo Teófilo e Antônio Sales.

Os Albanos, com os Costa e Silva, Aratanhas, Solons, Galenos, Justas, Teófilos e Amoras foram assim o antigo «Clã da Aratanha», famílias que muito se distinguiram no movimento da Aboilção dos Escravos no Ceará. O Barão e o Neco, Manoel Francisco da Silva Albano, tinham, em Fortaleza uma loja «Libertadora» e participaram ativamente do movimento abolicionista.

Rodolfo Teófilo, naturalista, historiador das sêcas, precursor da tecnologia de frutos no Ceará, vulto humanitário consagrado pela

Francisco da Silva Albano, era grande comerciante em Fortaleza e proprietário rural, considerado o tronco patriarcal da estirpe consolidada em nobreza rural-urbana.

Estudados neste campo os vínculos familiares em suas atividades dependentes da terra, vê-se fàcilmente uma plêiade de líderes, de intelectuais, uma constelação de varões ilustres e «homens de bem», que, descendentes do primitivo «Clã da Aratanha» sustentaram com o seu trabalho, abrilhantando em afetuosa lida a sociedade do seu tempo. Ildefonso Albano é visto neste escalão por suas qualidades intelectuais, morais e cívicas, chegando assim à mais alta magistratura do espírito e do poder político, em sua terra natal, como Presidente do Estado do Ceará.

Casou-se com D. Alfa Rabelo Albano, filha do General Marcos Franco Rabelo e neta do General Clarindo de Queirós, que governou também o Ceará, como candidato militar delirantemente aclamado pelo povo, eleito em 1912, contra a oligarquia então dominante. Com apoio e prestígio da classe militar, insinuava-se então a tentativa no sentido de «vencer e expurgar da vida pública administrativa velhos defeitos e costumes». (2)

No govêrno do seu sogro, o então Cel. Franco Rabelo, Ildefonso Albano foi nomeado Intendente (hoje Prefeito) de Fortaleza. Dotado de aprimorada formação mental, Ildefonso caracterizava-se por invulgar espírito público, bravura e capacidade administrativa. (3) Antes fizera os seus estudos primários e secundários na Europa, onde cursou: na Austria, o «STELLA MATUTINA», em FELDKIRCH, e na Inglaterra, o «STONEYHURST COLLEGE», havendo cursado também o Seminário de Fortaleza, onde se matriculara em 1893 com o seu irmão, o poeta José Albano. (4) Depois iniciou-se até o

---

historiografia pátria, era primo de Juvenal Galeno. Integra com êste a aliança dos escritores e poetas voltados para os problemas do povo e da terra cearense. Vivia no sítio Pajuçara. Como os Teófilos entrelaçaram-se as famílias Justa e outras com as do primitivo Clã; produtor de intelectuais humanistas, de beneméritos da comunidade em que viviam, precursores do desenvolvimento econômico e social da região.

(2) Raimundo Girão — PEQUENA HISTORIA DO CEARA. — Fortaleza, Editôra A. Batista Fontenele, p. 221, 1953.

(3) Biografia citada em UNITARIO (12.2.1958), (4.12.60) e O NORDESTE (26.12.1957).

(4) ALBUM HISTORICO DO SEMINARIO EPISCOPAL DE FORTALEZA, em comemoração das bodas de ouro de sua fundação. Imp. Desclés, de Brouwer & Cia. Lille — 412. p. 218-1914.

3.º ano na Faculdade de Direito do Ceará, não chegando ao bacharelato.

Voltando ao Ceará, depois de haver-se educado na Inglaterra, onde observara a tecnologia do algodão, as indústrias de tecelagem, Ildefonso «dedicou-se ao comércio, como gerente da firma Albano & Irmão, a afamada Casa Albano, fundada pelo seu avô e seu tio-avô Manoel Albano». (5).

Prefeito de Fortaleza também no govêrno de Justiniano de Serpa, assim foi convocado à administração pública por sua capacidade administrativa, tendo exercido as funções na esfera do executivo municipal e mais tarde na do estadual, com probidade e incomum operosidade. Reconstruiu o Parque da Independência, construiu e modernizou a Av. Alberto Nepomuceno, muito fêz pelo progresso urbanístico de Fortaleza, como reformador da cidade. (6).

Eleito 1.º Vice-Presidente do Estado durante o mandato de Justiniano de Serpa, jurista e intelectual cearense de renome nacional, que veio a falecer a 1.º de agôsto de 1923, sucedeu-o na Presidência Ildefonso Albano, que lhe continuou a tarefa meritória.

Na quadra governamental Serpa-Albano, intensificou-se, sob o empenho patriótico do Presidente Epitácio Pessoa, a investida pioneira das obras contra as sêcas do Nordeste. (7) No afã de reconhecer o meio geográfico e preparar uma infra-estrutura mediante obras preliminares, turmas de estudiosos palmilharam o Nordeste todo, procedendo a levantamen-

---

(5) IMPRESSÕES DO BRASIL NO SECULO XX — Loyd's Greater Britain Publishing Company Ltd. Londres p. 1047. Vide Tópico IN VERBIS: 'A Casa Albano, pertencente à firma Albano & Irmão, é um dos mais antigos estabelecimentos comerciais no norte do Brasil. Foi fundada em 1852 pelo Barão de Aratanha e por seu irmão Sr. Manoel Francisco da Silva Albano. A divisa da firma é PRO ARA TONEO ET FOCIS (Tenho para o altar e para o lar). A firma importa em escala avultada fazendas de toda sorte, as quais recebe dos principais centros manufatureiros da Europa e Estados Unidos, exporta gêneros de produção local; vende a retalho; por atacado, fazendo um movimento considerável que a torna uma das primeiras casas em seu gênero da praça de Fortaleza. O falecido Barão de Aratanha, fundador da firma, pertencia a uma das mais antigas e conceituadas famílias cearenses, reputado pela sua caridade e sentimentos abolicionistas. Ainda no tempo da escravatura no Brasil, quando por assim dizer todas as casas comerciais negociavam sôbre o negro escravo, já a firma ALBANO & IRMÃO em seu contrato social estabelecia que o comércio de escravatura não podia ser feito pela casa» (Arnold Wright, historiador).

(6) Dados biográficos da Imprensa citada.

(7) Raimundo Girão — PEQUENA HISTORIA DO CEARA — p. 233).

tos, construindo açudes, pontes e estradas, abrindo poços, executando serviços diversos.

O Presidente Ildefonso Albano integrou-se de corpo e alma na missão redentora que êle mesmo pregara, desde quando, como deputado federal, representando o Ceará em duas legislaturas, erguia-se da tribuna da Câmara para debater as soluções do secular problema das sêcas. Seus pareceres e discursos eram peças fundamentadas com documentação científica, comprovante de sua vivência e notório saber.

À frente do govêrno do Estado, instalou de modo pioneiro o Serviço Estadual do Algodão, contratando para êste fim especialistas inglêses, para iniciar as pesquisas necessárias e empreender os melhoramentos culturais.

Fundou sociedades de agricultura, convocou os agricultores para a expansão do algodão, estudou e defendeu os interêsses da pecuária cearense, reformou o ensino primário com a colaboração de Lourenço Filho e dotou o Ceará de uma infra-estrutura de prédios indispensáveis à educação e segurança pública. Assim, construiu os grupos escolares do Benfica, hoje edifício da Faculdade de Ciências Econômicas, o Grupo Visconde do Rio Branco, o de Fernandes Vieira, o Quartel da Fôrça Pública do Estado, iniciou a construção do edifício da Secretaria da Fazenda, e além de outros edifícios que ergueu, melhorou o abastecimento de água e esgôto. No interior atacou obras de estradas, interligando a capital e municípios, dotando as estradas de obras de arte, pontes e aterros indispensáveis. Nestes setores procurava investir os dinheiros públicos com produtividade, acautelando-se dos especuladores gananciosos. (8).

Dedicando-se inteiramente à administração pública quase renunciou os próprios interêsses, pois, ao deixar a suprema magistratura estadual foi obrigado, por dificuldades econômicas, a exercer emprêgo de caixeiro em uma casa comercial do Rio de Janeiro. (9).

O govêrno de Washington Luís foi buscá-lo nesta situação, para exercer as funções de Adido Comercial em Cuba Após a Revolução de 1930, o Ministro Lindolfo Color, indo a Havana, reconheceu as atividades desenvolvidas pelo biografado em suas relações diplomáticas em favor do comércio

---

(8) Dados biográficos da Imp. cit. e outros colhidos diretamente pelo autor.

(9) Manoel Albano Amora, op. cit. p. 149.

brasileiro e convidou-o para Diretor do Departamento Nacional de Indústria e Comércio do Ministério do Trabalho.

Exerceu o magistério de língua inglêsa no Colégio Pedro II e em outros estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro. Falava corretamente cinco línguas.

A educação tecnológica sempre o preocupou, mormente o ensino agrícola. Quando a Escola de Agronomia do Ceará, era ainda estabelecimento particular, empenhou-se em dotar aquela instituição de um gabinete de Física e Química, que mandara adquirir em Paris.

Educado à inglesa, Ildefonso Albano foi todavia um nacionalista puro, exemplar. Não nutria ambições de enriquecimento, mas de bem servir à comunidade. Assim, exerceu as funções de Diretor da Associação Comercial do Ceará, Agente Consular da Alemanha até a Grande Guerra, numa linha de bom senso e austeridade, traço do seu caráter, como de sua formação.

O HUMANISMO TELÚRICO DO ESCRITOR

O humanismo telúrico dos escritores do Nordeste tem em Ildefonso Albano um dos mais genuinos representantes. Tratamos aqui do HUMANISMO da Idade Contemporânea, moldado em uma filosofia que busca a transformação do mundo e das coisas em benefício do homem. Aceitamos então o conteúdo genérico da concepção de SCHAFF: o Humanismo compreendido como «o conjunto sistemático de reflexões acêrca do homem, considerado como o bem maior, e tendendo a assegurar-lhe, na prática, as melhores condições para a realização de sua felicidade.»

O Humanismo Telúrico do Nordeste revela-se no esfôrço empreendido tendo em vista assegurar melhores condições para o desenvolvimento econômico e social do homem na Região, através do aproveitamento de seus recursos materiais e humanos. (10).

Lendo o que publicou Ildefonso Albano, vemos que a sua obra se integra nestes princípios. Assim, «êle escrevia, diz Manoel Albano Amora, da Academia Cearense de Letras, para transmitir idéias úteis ao Brasil e ao Ceará». (11).

---

(10) F. Alves de Andrade — AGRONOMIA E HUMANISMO — Imprensa Universitária do Ceará — 1967, p. 87 e segs.

(11) Manoel Albano Amora, op. cit. p. 149.

A 15 de outubro de 1917, na tribuna da Câmara dos Deputados, pronuncia o mais sério e documentado discurso dentre os até hoje proferidos sôbre problemas regionais, no Parlamento Nacional, abordando «O Secular Problema do Nordeste». Em um documento que exibe dados estatísticos, meteorológicos, históricos e geográficos, fotografias de emigrantes famintos, denuncia a calamidade pública, estuda o problema das sêcas e propõe soluções. Êste trabalho é um livro histórico, indispensável ao pesquisador da geo-política brasileira. (12).

Ainda no mesmo ano de 1917, oferece à Primeira Conferência de Pecuária no Rio de Janeiro organizada, pela Sociedade Nacional de Agricultura, um outro estudo sôbre «A Pecuária no Ceará», de fundamental importância para a economia do Estado. (13) Já em 1915, debatia na Câmara de Deputados a Crise do Algodão, como representante do povo e Diretor da Associação Comercial, denunciando então o boicote organizado contra os Estados do Norte. Em 1916, oferece à Primeira Conferência Algodoeira, organizada no Rio de Janeiro, o seu estudo sôbre «A Cultura Algodoeira no Ceará». (14).

Entre outros trabalhos e livros, publicou, como professor de língua inglêsa no Colégio Pedro II, Readers Digest (Gramática e leitura da língua inglêsa). Ainda neste trabalho didático, demonstra o devotamento a sua terra e a sua gente, pois os textos organizados contêm leituras alusivas à abolição dos escravos, carnaúba, algodão e outros assuntos de interêsses econômico e social.

Pode-se incluir o autor de JECA TATU E MANÉ XIQUE-XIQUE na linha dos escritores geopônicos do Ceará, que constituem o grupo preocupado com a solução agronômica dos problemas das sêcas. Escrevendo sôbre economia e agricultura, os escritores desta estirpe reagiram contra doutrinas

---

(12) Ildefonso Albano — O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE — Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, em 15 de outubro de 1917. Imprensa Nacional 1917. 91 págs. 10 gravuras.

(13) PECUARIA NO CEARÁ — Notas oferecidas à Primeira Conferência de Pecuária no Rio de Janeiro. Pub. pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, em 1918.

(14) Ildefonso Albano — A CRISE DO ALGODÃO — Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados e «A CULTURA ALGODOEIRA NO CEARA». Notas oferecidas à Primeira Conferência Algodoeira, organizada no Rio de Janeiro. Trabalhos apresentados por Ildefonso Albano na qualidade também de Diretor da Associação Comercial Pub. na Tip. Jornal do Comércio de Rodrigues & C. 1918.

que se filiam ao pessimismo crônico, enraizado na convicção dos que esmagam o Nordeste. Vêmo-los, aliados inquebrantáveis, numa longa história de movimentos e protestos contra o descaso político em relação aos problemas da terra, que são problemas do mundo, problemas de cultura, problemas humanos.

UMA DIALÉTICA DE TIPOS HUMANOS

Em seu substancioso livro, SOCIOLOGIA RURAL, tratado dentre os mais completos de escritores da América Latina, DANIEL D. VIDART, sociólogo uruguaio, assim se expressa a respeito da obra de Ildefonso Albano, o criador do tipo simbólico MANÉ XIQUEXIQUE, antítese daquêle Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato, cujas diferenciações em paralelo constituem matéria dêste livro.

> «Hay en la literatura brasileña dos personajes que representam cabalmente las latitudes morales del hombre de tierra adentro y dos regiones de la Geografia Humana del Brasil. El uno es JECA-TATU creado por Monteiro Lobato, y el outro, MANÉ CHIQUEXIQUE, debido a la pluma de Ildefonso Albano. Ambos han adquirido carta de ciudadânia en la república de los espíritus y de la intimidad del libro han transcendido a la universidad de los simbolos
>
> JECA-TATU es el PIRAQUARA del Paraíba del Sur, el paisano indiferente, amodorrado, «que no canta, que no ríe, que no ama», el único ser « que no vive en medio de tanta vida», el hombre vencido por una naturaleza, «tan viva en formas y colores».
>
> MANÉ XIQUEXIQUE es el CABOCLO sertanero, «sobrio y resistente, tenaz y rudo, fuerte y valeroso», formado en «la escuela áspera del sufrimento».
>
> El CHIQUE-CHIQUE, es un cardo del SERTÃO. Nace y prospera en cualquier terreno y condición. La seca más desvastadora no lo vulnera, pues sus raíces se abren paso entre las piedras, se hunden en el ocenao geológico y buscan la remota linfa a increibles profundidades. Siempre conserva su ropaje verde auque en su derredor la CAATINGA cenicienta perezca de sed. Quien no sabe asir el tallo de este botânico hijo del SERTÃO se hiere sin remedio. Quien sabe hacerlo, en cambio, lo coge sin dificultad.

Es el chique-chique alimento de hombres y bestias, y cultivado se convierte en planta mansa, doméstica, desprovista de espinas. En la época de las vacas gordas todos lo desestiman, perc cuando la sequía apieta, tcdos corren hacia él. De igual modo, MANÉ CHIQUE-CHIQUE, el caboclo brasileño, brota y prospera en qualquier tierra, pero entre tôdas prefiere la región rupestre del norte árido. Modesto como el cardo, nadie piensa él en las horas de bonanza. Pero cuando Uegan las horas de jugar las partidas decisivas todos se acuerdan de su arrojo, de su desintrês, de su pertinacia tememaria. Y entrouncos su sangre se derrama generosamente en el escenário de las luchas enconadas, tal como la simiente del CHIQUE-CHIQUE vuela, cuando sopla el viento, sobre la agria inmensidad de las CAATINGAS». (15).

A impressão causada no espírito do sociólogo platense deixa-nos ver claramente o conteúdo de interêsse universal na criação de um e outro autor sôbre os diferentes tipos humanos.

No seu entender, Jeca Tatu e Mané Xiquexique representam cabalmente as latitudes morais do homem rural, cujo psiquismo se expressa na vida da comunidade.

---

(15) Daniel Vidart — SOCIOLOGIA RURAL — T. I Salvat Editores S. A. Barcelona — Madrid, 1a. ed. 1960, pp. 681-682.

NOTA: Há no texto citado supra duas afirmações que merecem reparos 1) — 'sus raices se abren paso entre las piedras, e hunden en el océano geológico y buscam la remota linfa a incribles profundidades»; 2) — «...y cultivado se convierte em planta mansa, doméstica, desprovista de espinas». O autor citado deu muita ênfase, exagerando, talvez levado pela imaginação poética que o símbolo desperta, a realidade sôbre o xique-xique. A capacidade de armazenar água nesta planta não depende da profundidade alcançada por suas raízes. Também não é exato, que cultivada, venha a se converter em planta desprovida de espinhos. Neste aspecto, é possível haver confusão do autor entre a capacidade de cultivo da planta, da mesma família das cactáceas, e o xiquexique do mesmo domínio ecológico. A palma pode ser cultivada como forrageira, havendo variedades sem espinhos. Não se conhece xiquexique cultivado, tão pouco, sem espinhos. Trata-se, porém, de planta das mais resistentes às sêcas, sendo utilizada, quando depois de queimados os espinhos, na alimentação dos rebanhos, o que ocorre durante as sêcas. A economia da água desta planta baseia-se ainda em outros tipos de adaptações xerofíticas, tendentes à preservação do líquido pela redução da transpiração e seu armazenamento em tecido especial» parênquima aquífero. A realidade científica, todavia, não prejudica a imaginosa criação do artista, que, em tudo mais, é perfeita.

Estabeleceu-se então aquilo que pretendemos chamar de dialética referente a tipos humanos. Que precedentes motivaram tais criações, como apareceram?

A primeira edição de JECA TATU E MANÉ XIQUEXIQUE verificou-se em 1919, pela Livraria Araújo, do Rio de Janeiro. Trazia ilustrações de SETH e prefácio de Mário de Alencar, membro da Academia Brasileira de Letras, filho de José de Alencar, o glorioso autor de Iracema, a quem é dedicada a obra com a sua mensagem de fé nos valores humanos do Brasil.

Jeca Tatu, de Monteiro Lobato

Em 1918, Monteiro Lobato enfeixa em seu livro URUPÊS o artigo em que, invectivando o «caboclismo», sucedâneo do «balsâmico indianismo de Alencar», (16) estigmatiza «o substrato psíquico» do brasileiro, expresso em um tipo genialmente idealizado pelo escritor paulista, que lhe deu o nome de Jeca Tatu.

Lobato surge entre os cultivadores de conceitos e construtores de quadros mentais, como um reformador, um criador de novas expressões, ansioso pela abertura de novas sendas para a nacionalidade. Revela-se, porém, um iconoclasta do que considerava verdadeiros mitos da etnologia.

«A verdade nua manda dizer, enfatiza em seu artigo, que entre as raças de variado matiz formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de taboinha no beiço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso». (17).

Jeca Tatu, o caboclo que Lobato conheceu no Paraíba do Sul, é o símbolo da indiferença amodorrada, que não reage ao grito histórico da Independência, ao 13 de Maio da Libertação dos Escravos, ao 15 de Novembro da Proclamação da República e assiste inerte e bestificado «ante o inopinado das mudanças». Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; INCITATUS derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar... O fato mais importante de sua vida é sem dúvida votar no govêrno... Vota. Não sabe em quem, mas vota». (18).

(16) Artur Neves — NOTAS BIOGRAFICAS E CRÍTICAS, APUD URUPÊS, OUTROS CONTOS E COISAS série 4a. — Literatura — Vol. 18, Companhia Editôra Nacional — S. Paulo. 1943.
(17) Monteiro Lobato — URUPÊS E OUTROS CONTOS, p. 126.
(18) Monteiro Lobato, op. cit. p. 127.

Comparando o caboclo ao urupê de pau podre no meio da natureza brasílica, o escritor assim carregando nas tintas, «embora tenha descrito imagem perfeita, como cópia de arte, diz Mário de Alencar, não teve isenção de artista». (19) Como sociólogo, «pretendeu desvanecer a impressão transmitida pela maioria dos escritores brasileiros a respeito do brasileiro agreste, que êles em geral apresentam (20) como exemplos de bravura, de inteligência, de imaginação criadora e heroicidade no engrandecimento da Pátria comum.

Edgard Cavalheiro, que estudou com profundidade a vida e a obra de Monteiro Lobato, diz que o nascimento de Jeca Tatu tem uma longa história. História de um talentoso escritor e artista que, herdando em 1911, terras de um seu avô, o Visconde de Tremembé, tenta a vida de fazendeiro sem esteio para grandes esperanças. «Começa a constatar que nem tudo era rosas nas lidas agrícolas». Antes convivera, quando promotor público, com caboclos da margem do Paraíba. «Vira-os acocorados, incapazes de ação, tristes e desalentados, espiando a vida com o olhar vago de sonâmbulos». (21).

Ao tomar conta da Fazenda Buquira, herança do seu avô, Lobato entra em contato com os seus colonos e agregados. Decepciona-se com o trabalhador das suas terras, pois estavam longe do tipo romântico descrito por seus contemporâneos nacionais.

Falso era, portanto, o pensamento dos brasileiros cultos sôbre o homem do interior e a vida rural. Entre os escritores nacionais e as coisas da terra, observa então o absoluto divórcio. É que a literatura existente sôbre o assunto era tôda de fabricação urbana. Ingressa assim na vida rural, levando suas preocupações de escritor e sensibilidade de artista. (22).

---

(19) Mário de Alencar — Prefácio de JECA TATU e MANE XIQUEXIQUE.

(20) Mário de Alencar — APUD JECA TATU E MANE XIQUEXIQUE (Prefácio).

(21) Edgard Cavalheiro — VIDA E OBRA DE MONTEIRO LOBATO, p. 20.

(22) Edgard Cavalheiro — MONTEIRO LOBATO VIDA E OBRA, 3a. ed. 1o. t. p. 137, Editôra Brasiliense. 1955. «Os habitantes da Buquira — colonos agregados e camaradas — estavam longe daqueles heróicos e fortes caboclos tão decantados pelos literatos. Lobato observa como ponto de partida, que entre os brasileiros cultos e as coisas da terra há absoluto divórcio. A literatura existente sôbre o assunto tem sido tôda ela fabricada nas cidades por sujeitos que jamais penetraram no campo».

De início, anima-se, acha mesmo aprazível, «uma delícia, escreve a Godofredo Rangel, lidar com pintos, perus, bois e cavalos... do bipede homem só me meter com esta insuficiência mitral que é o caboclo da roça; mesmo assim, só lido com êle através do administrador, a ponte de ligação», (23) até parece um aristocrata!

Um seu amigo dizia: «está na Buquira só fisicamente; em espírito, continua nos livros». Nesse alheamento, os colenos vão abandonando a Fazenda. O fogo, certa vez, lavra nos matos. Escritor, agricultor e Fazenda andam todos para trás... Indignado com os escritores da cidade, que fantasiavam a vida e o homem rural, revolta-se agora contra o caboclo a quem considera «uma praga da terra, o urupê de pau podre que vegeta no sombrio da mata». (24).

A idéia estava cristalizada, explica Cavalheiro. Restava apenas passá-la para o papel. Numa violência de panfletário, começa investindo contra «o balsâmico indianismo de Alencar», «indianismo» que, entre os seus contemporâneos, tornara-se « caboclismo»... Era preciso matar o caboclo, que de Alencar veio a Coelho Neto e a Cassiano Ricardo, e por êste romantizado tão lindo:

Cisma o caboclo à porta da cabana...

«Eu vou contar o que êle cisma. E conta, descrevendo o caipira com traços fortes, autênticos. O retrato que faz é triste, de uma tristeza sem remédio, conclui, ironizando o seu biógrafo». (25).

A 23 de dezembro de 1914, surgia URUPÊS em O ESTADO DE SÃO PAULO, alcançando intensa repercussão. Assim nasceu Jeca Tatu. «Para o seu criador Jeca era a mais pura expressão de tôdas as qualidades negativas do ser humano. Dêle nada se salvava, nem corpo, nem espírito». E acrescenta Cavalheiro: «o escritor vingava-se, de certa maneira, do Jeca que derrotara o fazendeiro». (26).

Lobato vende a fazenda, compra a REVISTA DO BRASIL e torna-se editor. Artur Neves assevera que o descendente de fazendeiros, numa linha que se perde nos tempos coloniais, é o primeiro da família a desertar da agricultura. (27).

---

(23) Edgard Cavalheiro, op. cit. p. 138.
(24) Edgard Cavalheiro, op. cit. p. 138.
(25) Edgard Cavalheiro, op. cit. p. 143.
(26) Edgard Cavalheiro — VIDA E OBRA DE MONTEIRO LOBATO, pág. 20.
(27) Artur Neves — op. cit. p. XI.

Reunindo alguns contos e incluindo como fecho o célebre artigo URUPÊS, Monteiro Lobato publica com êste nome o seu revolucionário livro, que, segundo Osvaldo de Andrade, é o autêntico marco zero do movimento modernista no Brasil.

Três edições se seguem, em grande êxito de livraria. Trava-se na imprensa a polêmica em tôrno do Jeca Tatu. Criação falsa, dizem uns, criação autêntica, asseveram outros.

Estava o livro à altura da 4.ª edição, quando Rui Barbosa, erguendo-se em movimento de campanha política no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, acendeu mais a chama com o seu famoso discurso, dando em cheio a citação do Jeca Tatu:

«Conheceis, porventura, o Jeca-Tatu dos URUPÊS, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo dêsse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquêle tipo de uma raça, que, «entre as formadoras da nossa nacionalidade se perpetua a vegetar «de cócoras, incapaz da evolução e impenetrável ao progresso?» (27a).

Com os seus recalques e ódios à massa rural que o desconhece, Mestre Rui Barbosa assanha a onda do seu talento verbal. Começa por colher do símbolo do «escritor paulista» a semente venenosa, de sabor político, e cita presisamente o que mais lhe convém:

«Solta Pedro I o grito do Ipiranga. E o caboclo em cócoras. Vem com o 13 de Maio, a Libertação dos escravos. E o caboclo de cócoras. Derriba o 15 de Novembro um trono, erguendo a República; e o caboclo acocorado». Cita ainda êstes dois trechinhos de ouro (para êle, Rui): «No cenário da revolta, entre Floriano, Custódio e Gumercindo se joga a sorte do país, esmagado quatro anos por «Incitatus»; e o caboclo ainda com os joelhos à boca... Para Jeca Tatu, « o ato mais importante da sua vida é votar no govêrno. Não sabe em quem. Mas vota».

A conclusão do orador parece esmagadora: «Não sei bem senhores, se no tracejar dêste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piracuara do Paraíba e a degenerecência inata da sua raça (!) Mas a impressão do leitor é que, neste símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e improvisação, de esterilidade e tristeza, de subserviência e hebetamento, o gênio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio nos pincelou consciente ou inconscientemente, a síntese **da concep-**

ção que tem da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram». (27.a).

Do êxito literário, URUPÊS passou a ser instrumento político, arma da oposição. Uma demagogia de abastardamento soprava sôbre as multidões urbanas. Uma eloquência recheada de ridículos gritava a miséria sem remédio de Jeca Tatu. O indiferentismo insolente em relação aos problemas da terra, pessimista quanto aos valores humanos, quase colocara a cidade contra o campo.

Como bem observou Mário de Alencar, a alcunha pejorativa de Jeca Tatu ofereceu a Ildefonso a oportunidade para a desforra. Êste não era porém «um paladino do caboclo heróico», como a alguém pareceu. Não era um romântico, mas um realista dos problemas da terra e do homem do Nordeste. Lutar pelo desenvolvimento econômico e social do Brasil especialmente de sua região, vista por muitos líderes com pessimismo e desalento, eis o objetivo do escritor-político Ildefonso Albano.

MANÉ XIQUEXIQUE, de Ildefonso Albano

Em 1919, quando Ildefonso publica o seu MANÉ XIQUEXIQUE, antítese do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, uma grande sêca abrasava todo o Nordeste. Uma outra, bem próxima, a de 1915, destruíra tôdas as culturas e mais da metade dos rebanhos. Jovem Deputado, no exercício do mandato pelo Ceará, desde então desenvolvia as suas atividades parlamentares na defesa de sua terra e de seu povo. Clamava contra o abandono do Nordeste, ameaçado de despovoamento, providência aconselhada pela mentalidade retrógrada de certos líderes do Sul.

Um editorial de O JORNAL DO COMÉRCIO intitulado «A Volta aos Campos», assim escandalosamente doutrinava:

«Suspendamos, pois, esta luta inglória, inútil, louca com que os nossos mirrados braços pretendem armazenar nos sertões do Ceará água suficiente para desalterar o sol tropical (!) e deixar ainda sobras para a boca do homem.

«Não enterremos mais um vintém nesse deserto americano, quase tão branco, como as areias do Sahara, pelas alvas ossadas que já o cobrem...» E conclui:

«Ha, pois, uma solução para o problema das sêcas do

(27a) Artur Neves — op. cit. XXVIII — XXIX.

Norte (...) que venham os flagelados do Ceará para São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, como vai de sua casa para a de um parente o enfêrmo que não tem recursos e necessita mudar de área.» (28).

Era neste estilo que falava e pretendia fazer doutrina contra o meio rural do Nordeste, a ignorância insultuosa e atrevida daqueles «irmãos brasileiros do Sul».

Ildefonso lançava o olhar em tôrno. Sentia a insensibilidade urbana avolumar-se, ameaçando com descrédito o trabalhador do campo. A burguesia desumana daqueles patrícios vai apenas o seu interêsse situado na capital da República, em São Paulo, Minas e Rio de Janeiro. Era preciso combatê-los com energia.

Energia havia em Mané Xiquexique.

Vira-o nas grandes sêcas, na luta contra o sol. O homem parecia-lhe aquela planta característica dos sertões mais áridos do Nordeste. «Nas regiões mais pobres de vegetação, no sertão, esta cactácea forma tapêtes densos e extensos»... (29). Estava nos sertões do Ceará, como no Piauí-Sul, na Paraíba Central, em Jeremoabo e Canudos...

Mané Xiquexique é o cacto dos sertões. As sêcas não o vencem. Como o xerofilismo que surge das chuvas escassas ou irregulares, do solo raso, do calor intenso, êle aprendeu a resistir e a vencer as condições difíceis e hostis. Arranca das plantas bárbaras o alimento de que se nutre no tempo da escassez. Não só para o homem, mas para os animais, o xiquexique, a macambira, a mucunã e a palma forrageira que se cultiva, são recursos na luta contra a fome do sertanejo e dos rebanhos.

Mané Xiquexique é o exemplo da adaptação ativa do homem que espera transformar o meio para nêle sobreviver, descobrindo nos recursos naturais os meios do desenvolvimento.

«A dor ensina a viver». O cientista já investigou e compreendeu a necessidade de aproveitar as lições da natureza. «A vegetação nordestina está ensinando o homem a viver guardando alimentos dos tempos de abundância para as épo-

(28) Ildefonso Albano — O SECULAR PROBLEMA DO NORDESTE. Vide pp. 73-74.
(29) Renato Braga — PLANTAS DO NORDESTE E ESPECIALMENTE DO CEARA, 2a. ed. Imprensa Oficial, 1960, pp. 480-481.

cas de penúria». (30). No manejo dos alimentos bárbaros, Mané Xiquexique quase deu motivação aos cientistas, que vão na pista do que êle realiza, empírica ou intuitivamente. Ildefonso Albano compreendeu isso. Viu como o seu irmão sertanejo lutava em tôdas as frentes. Lutava sem instrumentos ou aparelhagem modernos, construindo açudes, fazendo as suas lavouras de tentativa e criações de animais, fabricando os seus produtos e artefatos com processos mesmo rudimentares. Era quanto podia fazer.

Mané, Lavrador; Mané, Vaqueiro; Mané, Jangadeiro; Mané, Seringueiro; Mané, Construtor de açudes e Homem-Industrioso; Mané Xiquexique, Social; Mané Xiquexique Poeta; e finalmente, Mané Xiquexique, diante da sêca.

Na criação do símbolo, o político se fêz poeta, ergueu com beleza, harmonia e simplicidade a sua inspiração. Mas, revelando o seu pensamento, desceu à realidade, fugiu do mundo abstrato e trouxe, para comprovar os seus valores um mundo de fatos concretos, enérgicos, sensíveis.

O homem lavrador, que Lobato considera indiferente, sem reação, pois, em todos os atos de sua vida antes de agir acocora-se, Ildefonso o vê numa luta constante, coberto de preocupações no ciclo da vegetação em todo o curso do ano: «ora está a terra carecida de chuva, ora é a lagarta de sol, ora a lagarta de chuva, ora é a formiga de roça, o criso e o pulgão, a lagarta rosa ou o queima, o grilo, o cachorro da areia ou os pássaros, o rabo de couro ou o cupim». (31).

Esta descrição folclórica revela o homem num campo de batalha, onde o pesquisador, o cientista, o tecnólogo têm que dar resposta, antes de criticar simplesmente o trabalho rude.

Para Ildefonso, Mané conhece bem o seu ofício, escolhe intuitivamente o solo e planta. Sabe que a cana e o arroz «querem TERRA FRESCA; o fumo se planta nas COROAS dos rios, nas VAZANTES»... Sim, foi êle quem descobriu o leito do rio sêco para tentar uma singular lavoura de VAZANTES. Cultiva o brejo e os açudes; tenta a lavoura no alto e nos aluviões ou baixios; semeia «consorciado», num jôgo de

---

(30) Guimarães Duque — Apreciação sôbre o livro 'A MACAMBIRA» (BROMELIA FORRAGEIRA) de M. Negreiros Bessa, Cadernos de Cultura, 1, publicação da Secretaria de Cultura do Ceará. 1968. p. 11.

(31) Ildefonso Albano — JECA TATU E MANE XIQUEXIQUE (Mané, lavrador).

tentativas contra as incertezas do tempo. E a experiência, os resultados econômicos parecem indicar que êle está certo.

A lavoura sêca nordestina, ensina hoje Guimarães Duque, há que ser baseada no xerofilismo, buscando plantas que tolerem a escassez d'água, que fogem aos efeitos da deficiência hídrica ou que resistam às sêcas. O clima ensolarado, os solos de limitada capacidade hídrica, a irregularidade das chuvas constituiram condições mais adequadas aos vegetais perenes do que às plantas anuais herbáceas. Mané Xiquexique adapta-se ativamente, fazendo a escolha de plantas como o algodão mocó, a oiticica, a carnaubeira, o cajueiro, a maniçoba, as manipebas, em alternativas de solos e de climas. Neste nôvo e estranho mundo de incertezas, requer-se um MODUS OPERANDI bem diverso das práticas agrícolas européias, um sentido de harmonia funcional fito-sociológico à base de compensações. Enquanto o cientista não vem, o homem sertanejo descobre isso e vai escolhendo intuitivamente plantas e cultivos, que necessitam ser investigados.

«Enquanto Jeca vegeta acocorado, Mané, de gibão e chapéu de couro, leva a vida agitada do campo». Correndo atras do boi com o seu cavalo, faísca como um raio na caatinga... Cria-se pelejando em cima da sela. E como tão bem observou Euclides, «fêz-se homem quase sem ter sido criança...» (32)

Ildefonso descreve as atividades de quem implantou uma civilização moldada no pastoreio. O conhecimento dos animais, desde a individualidade, identificada na pelagem, à genealogia, às qualidades, às manhas, atesta a sua perfeita identificação com o meio. «O sertanejo é antes de tudo um forte», dizia Euclides da Cunha, vendo-o na resistência de Canudos. Se os fatos e o testemunho de tantos confirmavam a existência dequele que se fêz «forte, esperto, resignado, prático», por que deformá-lo numa monstruosidade excêntrica?

Não! O sentimento da liberdade — consciência da Pátria, a heroicidade do trabalhador brasileiro não eram fantasia. Estavam patentes nos fatos e na História. Se Lobato argumentava com o homem do Paraíba do Sul, que êle vira acocorado, Ildefonso replicava com o sertanejo do Nordeste, que o estadista-escritor de perto conhecia.

Antes do Grito do Ipiranga, Mané Xiquexique lançava a mecha da Liberdade com a revolução de 1817. A 2 de julho de 1824 o ideal embrionário da República eclodia na Confe-

---

(32) Ildefonso Albano — op. cit. (Mané Vaqueiro).

deração do Equador. Confederaram-se Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas, tendo em vista formar uma união republicana. Sua proclamação vibrou um lema que poderia ser repetido ainda hoje: «unamo-nos e seremos invencíveis!» (33).

A tentativa de emancipação política foi um protesto arrogante e livre de agricultores da faixa úmida e vaqueiros dos sertões secos. O nosso Capistrano de Abreu, melhor expressa o histórico, assinalando com certa ênfase: « no Ceará, o sertão investiu contra o litoral, chegando a dominá-lo na Confederação do Equador». (34).

O Nordeste foi o cenário que Ildefonso viu e ofereceu para mostrar o brasileiro encarnado em Mané Xiquixique Refrescou a memória dos que, desertores da terra, numa retórica impressionista, faziam hipnose de multidões românticas, imersas no urbanismo nascente. Cidades cresciam esquecidas dos sertões.

Lembrou a libertação dos escravos, que se fizera nestas bandas, antes do gesto da Princesa Isabel, em 1884; os heróis sertanejos da Guerra do Paraguai e os seus irmãos guerrilheiros da conquista do Acre.

Mostrou ainda que Mané acompanha os movimentos politicos de sua Pátria, decora até mesmo os discursos dos parlamentares, conhece os vultos salientes e sabe criticá-los com espírito: «O MARECHA HERME ENTROU NA TENDA, MAS NÃO APRENDEU O OFIÇO. (35).

O Nordeste tem mais uma longa história de movimentos e protestos de seu povo contra o descaso político em relação aos interêsses da terra cujos recursos são de modo a propiciar o seu desenvolvimento. A resistência de Canudos, movimento messiânico do Conselheiro, foi uma reação contra imposições. Não. O verdadeiro homem do Brasil, que nasceu na terra, da terra é e dela fala de verdade, não é um fraco, um desalentado, não está de cócoras. «Acocorado, ninguém dá vivas à Libertade, nem liberta escravos. Em cócoras, ninguém abate ditadores, nem funda repúblicas. De cócoras, ninguém desbrava florestas nem povoa terras». (36).

O valor humano do homem brasileiro, o seu lado positivo diante da tecnologia, mostra Ildefonso na descrição fol-

---

(33) F. Alves de Andrade — op. cit., 1967, p. 96.

(34) J. Capistrano de Abreu — CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL, Liv. Briguiet, Rio de Janeiro, 1930, p. 231.

(35) Ildefonso Albano — op. cit. (Mané Xiquexique, social).

(36) Ildefonso Albano — op. cit. (Os manos de Jeca e Mané).

clórica das atividades de Mané Xiquexique: êle constrói açudes e estradas; fabrica farinha e rapadura; sabe produzir óleos cêra de carnaúba e cordoalha de fibras, seus trabalhos de couro, e aproveitar as plantas cerígenas. Sua manufatura de palha de tecelagem e rendas finas, suas habilidades de ourives e imaginário, de músico, de pedreiro, revelam a sua alma de artista, sua imaginação criadora, desde o fazer as coisas, ao modo de filosofar, e de repentes fazer também poesia...

Mané Xiquexique engenhoso, mecânico, construtor, inventor e consertador de máquinas, observador da meteorologia, ASSUNTANDO a terra, o céu, o mar, as plantas e os animais; Mané inteligente, astucioso, aprendiz de raro talento, de tudo que vê e de tudo o que lhe ensinam, valor supremo de energias humanas à espera de quem o compreenda, trazendo-lhe educação, aprimoramento em ciência e tecnologia, eis o verdadeiro homem do Brasil.

IDÉIAS E SÍMBOLOS EM BUSCA DE SÍNTESES

Monteiro Lobato lutava pela realidade contra a idealidade do pensamento literário no Brasil. O artista, porém, em sua paixão reformista, excedeu-se deformando o objeto. Esqueceu, vilipendiou HUMANITAS.

Ildefonso considerou HUMANITAS no ser, cujos valôres antropológicos gritavam para o observador. Opôs fatos ao impressionismo de falsos argumentos. Julgava ser isto necessário no momemto em que a burguesia urbana nascente clamava por mão-de-obra barata para as suas fábricas. E julgando o trabalhador nordestino incapaz de desenvolver a terra sêca, queria-o paradoxalmente para as suas fábricas e campos: «que venham os flagelados do Ceará para São Paulo, Minas e Rio de Janeiro», bradava a imprensa do Sul.

Esclarece Edgar Cavalheiro que «URUPÉS, no fundo, não passava de uma advertência, trágica, enérgica, desapiedada, mas necessária advertência». (37).

No início da reação, Monteiro Lobato considera que Jeca era um doente, concordando com Belisário Pena. Artur Neiva e Miguel Pereira, «que o Brasil é um imenso hospital». (38) E assim escreveu no Prefácio da 4.ª edição de URUPÊS:

(37) Edgard Cavalheiro — VIDA E OBRA DE MONTEIRO LOBATO, p. 20.

(38) Edgard Cavalheiro — op. cit. p. 23.

«Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca. Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade. Perdoa-me pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso, sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra. Os outros, que falam francês, dançam o tango, fumam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu dolorido trabalho, êsses, meu caro Jeca Tatu, êsses têm na alma tôdas as verminoses que tu tens no corpo». (39).

Cavalheiro, em seu profundo estudo sôbre Monteiro Lobato, faz esta observação:

«A polêmica em tôrno do retrato do Jeca levou seu autor a se interessar mais a fundo pelo nosso homem rural e seus problemas. As misérias e a desigualdade sociais provocaram-lhe ímpetos insopitáveis de revolta». (40).

Mais tarde, Lobato humaniza-se verdadeiramente, interioriza-se no reconhecimento dos valôres humanos:

«É preciso frisar que o Brasil está no Interior, na serra onde moureja o homem abaçanado pelo sol; nos sertões onde o sertanejo vestido de couro vaqueja; nas coxilhas onde se domam poltros; por êsses campos rechiantes de carros de bois; nos ermos que sulcam tropas aligeiradas pelo tilintar do cincerro. Está nas «fazendas de ferro» onde uma metalúrgica semibárbara revive um passado morto. Está nas caatingas estorricadas pela sêca, onde o bochorno cria dramas, angústias e dores intermináveis à gente litorânea». (41).

Lobato, numa atitude desassombrada, vai daí por diante em busca da libertação do homem do interior, denunciando tôdas as falseações e ignorâncias, as estilizações e fraquezas

(39) Artur Neves — op. cit. XXVII.
(40) Edgard Cavalheiro — op. cit. p. 23.
(41) Edgard Cavalheiro — op. cit. p. 34.

nacionais, «a sabotagem das riquezas a serviço do imperialismo». (42). Jeca Tatu encontra Mané Xiquexique, valente mas espoliado, hábil agricultor mas abandonado em sua lavoura, como em suas artes, sem assistência técnica, sem crédito, sem incentivos educacionais para o seu desenvolvimento. Jeca Tatu e Mané Xiquexique encontram-se no taboleiro de xadrez nacional ontem como ainda hoje. Há um ativo e outro indolente, um fraco e outro forte, um rebelde e outro abastardado, acomodado, a vegetar de cócoras.

Tinha razão Ildefonso Albano: «Vemos muitas vêzes na mesma família, filhos dos mesmos pais, com o mesmo sangue nas veias, educados na mesma escola, se tornarem um estroina preguiçoso, rotineiro; outro um homem honrado, trabalhador e progressista. Não poderíamos escapar à regra; o mesmo se dá na grande família brasileira: filhos dos mesmos pais, com o mesmo sangue nas veias, educados na mesma escola, temos Jeca Tatu, preguiçoso e bisonho, e seu irmão Mané Xiquexique, afoito como o jaguar, resistente como o xiquexique». (43).

Na crise nacional, que é também espelho da grande crise universal, as duas idéias revivem, os dois símbolos se cruzam e se tocam. Jeca Tatu é o irmão que o Brasil esqueceu, talvez pensando que no incomensurável rincão brasileiro, de recursos mil, inexplorados, êle tudo fizesse sem assistência educacional, sem apoio organizacional da ciência e da tecnologia. Mané Xiquexique é o irmão que o Brasil precisa encontrar e descobrir na sua capacidade natural de trabalho, na sua lida operacional, carecido de uma compreensão, de política e desenvolvimento para sua libertação.

É preciso procurar HUMANITAS, o que fêz Ildefonso Albano em seu livro, reagindo e defendendo a integridade humana do homem do Brasil, os seus valôres autênticos «contra tôdas as tendências que a atacam, envilecem e adulteram». (44).

Passados cinqüenta anos do seu aparecimento em área de debates literários, volta o curioso livro a circular num clima de preocupações outras, de ordem econômica e social, cada vez mais graves.

---

(42) Artur Neves — op. cit. p. XXVI.
(43) Ildefonso Albano — op. cit. (Os Manos de Jeca Tatu e Mané).
(44) Georg Lukacs — ENSAIOS SÔBRE LITERATURA 2a. ed Civilização Brasileira Rio de Janeiro, 1968, p. 23.

Se o amor ao Nordeste e aos seus valores foi a causa por que se bateu Ildefonso Albano, legando-nos estas páginas, a necessidade de divulgar o humanismo telúrico, que prevalece neste importante documento, dá-lhe uma perspectiva direta, mas sublime e real na hora presente.

Neste meio século de expressivo desenvovimento, o Brasil cresceu em todos os seus quadrantes. Desenvolveu-se, porém exibindo desníveis regionais e setoriais, a exemplo do que é flagrante entre o Nordeste e o Sul; a cidade e o campo.

A correção de tais desníveis regionais é considerada pelos economistas um problema cósmico — complexo e delicado. Lembra Roberto Campos que a solução teria duas genéricas alternativas — uma correspondendo à teoria ARISTOCRÁTICA, e a outra à teoria HUMANISTA, que êle denomina HUMANITÁRIA. A primeira é a preferida pelos econonomistas puros. Êstes assim parecem raciocinar: «os investimentos devem ser concentrados nas áreas de maior produtividade, para que se obtenha um rítmo mais rápido de crescimento total da economia. A teoria humanista (humanitária) parte do ponto de vista diferente. Insiste no postulado fundamental de que o propósito do desenvolvimento econômico é a consecução do bem-estar e uma distribuição eqüitativa entre a comunidade, dos frutos da produção». (45).

A luta do Nordeste, no sentido de conseguir o desenvolvimento harmônico e afastar as disparidades regionais, deu um passo com a criação e implantação da SUDENE. Com ela, cresceram os Estados nordestinos. Suas populações tiveram novas oportunidades com estradas abertas, pavimentadas ou asfaltadas. Algumas indústrias foram instaladas, a eletrificação de Paulo Afonso, beneficiando as áreas mais longínquas do mundo e dispersas no território, está a exigir adestramento e preparo dos recursos humanos.

Com o retraimento dos investimentos em muitos campos, e desemprêgo crescente, a industrialização desconexa, o obsoletismo dos métodos na agricultura, a estrutura agrária anacrônica, a falta de distribuição da renda e seus benefícios periclita a Região, e mais se intensifica o desnível. (46).

---

(45) Roberto Campos — Economia, Planejamento, Nacionalismo, APEC Editôra, Rio de Janeiro, 1963, p. 23.

(46) Alberto Tamer — O MESMO NORDESTE Editôra Herder, São Paulo, p. 101.

A baixa capacidade aquisitiva do trabalhador, o alto custo dos alimentos, abrem caminho à desnutrição. Os estudiosos insistem em falar com veemência num processo de depauperamento do nordestino.

JECA TATU e MANÉ XIQUEXIQUE de Ildefonso Albano volta à tela para lembrar que Jeca não pode ser responsabilizado pelos descasos. Volta, para advertir que Mané tem valôres autênticos.

Ocorre simplesmente o fato de os que governam, planejam ou executam, os que fazem liderança, exercício de direção, estarem esquecendo «humanitas».

Lembraremos esta sentença que George Lukacs ditou interpretando escritos estéticos:

«Torna-se necessário um trabalho mental de tipo completamente particular para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra no interior das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço, etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens a verdadeira essência delas de relações sociais, relações entre os homens». (47).

A consciência do humano, a necessidade de vivê-la intensamente em tôdas as realizações, é a nota da hora presente. Reconhecer o homem e os seus reais valôres colocá-lo no centro de tôdas as preocupações, eis o trabalho mental que deve presidir as mais diversas iniciativas que, no fundo, requerem esta reflexão.

JECA TATU E MANÉ XIQUEXIQUE de Ildefonso Albano é, por isso mesmo, uma grande mensagem, de ontem e de hoje, para o Brasil.

---

47) Georg Lukacs — op. cit. p. 23.